

GERAL

EDUCAÇÃO

Só 3,4% dos brasileiros concluem curso superior

IBGE revela que, apesar de índice ser pequeno, houve aumento de 28% nos anos 90

LUCIANA NUNES LEAL

RIO – Em 1979, o entregador de mercadorias Jailson de Souza e Silva levou alguns pacotes a uma lanchonete da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Ilha do Fundão, no Rio. Tinha 19 anos e era a primeira vez que entrava numa universidade. “Ano que vem vou estudar aqui”, disse ao colega motorista. Ouviu uma resposta incrédula: “É ruim, hein!”

Em 1980, Jailson, morador do subúrbio carioca que só conheceu a elegante zona sul aos 14 anos, entrou no curso de Geografia da UFRJ. Formou-se, fez mestrado e hoje, aos 43 anos, é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Jailson faz parte de um seleto grupo de 3,47% de brasileiros que concluíram o curso superior. Mais ainda: está entre a parcela de 0,18% que completou mestrado ou doutorado. Os dados fazem parte da pesquisa sobre educação divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo 2000, que também calculou o percentual de diplomados em relação ao total da população de 25 anos ou mais: 6,8%.

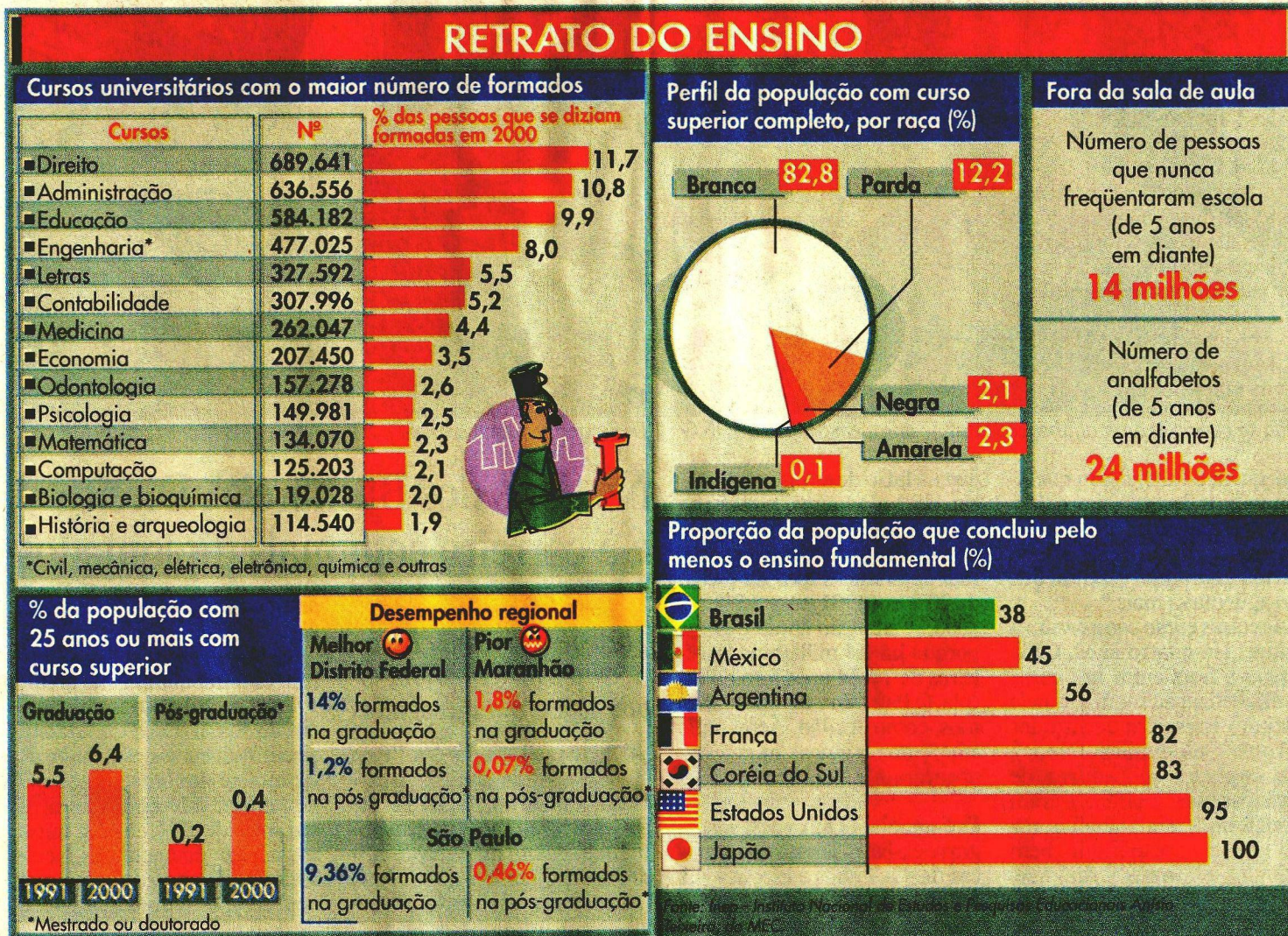
O levantamento revela que, apesar do contingente reduzido de diplomados, houve um avanço na década de 90. Em 1991, 2,7% dos brasileiros tinham concluído a universidade. Ocorreu, portanto, um aumento de 28%.

Em termos absolutos, o crescimento foi de 1,9 milhão. O número de diplomados saltou de 4 milhões para 5,9 milhões entre 1991 e 2000. O de mestres e doutores dobrou nesse período. Passou de 147 mil para 304 mil.

Em setembro, Jailson publicou sua tese de doutorado, “Por Que Uns e Não Outros?”, na qual conta a história de outros 11 profissionais

como ele, pessoas que vindas de famílias pobres completaram o curso superior. “Se um Jailson de Souza e Silva pode entrar na universidade, qualquer um pode!”

Nas famílias que pesquisou, Jailson percebeu que os primogênitos chegam mais à univer-



sidade que os caçulas. “Nas classes populares, os mais velhos são em geral mais disciplinados, têm um tratamento mais rígido da família. Eles se adaptam mais às condições da escola”, diz.

Negros – Jailson fala com a experiência de quem também criou um curso pré-vestibular no Complexo da Maré, conjunto de favelas com 132 mil moradores, onde viveu durante sete anos. Ele disse que a presença

A pesquisa do IBGE mostra, aliás, que se o acesso à universidade é restrito para a população em geral, para o negro é um caminho ainda mais difícil. Segundo o levantamento, 1 em cada 10 brancos com 25 anos ou mais conclui a universidade. Entre os negros, a proporção é de 1 em cada 50.

Os brancos, que são 53,7% da população, representam 82,8% dos detentores de diploma do ensino superior. Quanto a negros e pardos, eles representam 44,7% dos brasileiros, mas apenas 14,3% dos diplomados.

“Na educação, se reproduz a sociedade de castas que a gente vive no Brasil. Nunca se pensou, desde a abolição da escravidão, em uma forma de integração no negro, a população carrega uma bagagem negativa desde que nasce”, diz o pesquisador José Luiz Petrucelli, do Departamento de Indicadores Sociais do IBGE.

Petrucelli defende o sistema de cotas para negros e pardos nas universidades. “É uma tentativa de tratar de forma desigual o que é desigual. É claro que tem de melhorar a escola pública, mas vamos esperar

que isso aconteça e não ter cotas?”, indaga.

Filhas de um cabo reformado da Marinha que completou apenas o 1.º grau, as irmãs Aline, de 19 anos, e Andreia Ferreira dos Santos, de 24, respectivamente, são o orgulho da família. São as primeiras a ingressar numa universidade pública. Elas foram beneficiadas por um curso pré-vestibular voltado para negros e, no caso de Andreia, pelo sistema de cotas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Andreia enfrentou quatro vestibulares e Aline passou por dois. Além das filhas na Uerj, o cabo Ednaldo José dos Santos tem dois filhos cursando faculdades particulares, com financiamento da Caixa Econômica Federal. “Meu pai nunca pôde estudar, mas está sempre lendo, se informando e deu muita importância aos nossos estudos. O sonho da vida dele é ver

os filhos formados”, disse Aline, estudante de Matemática. Mas o fato de terem ingressado na universidade não livra as irmãs do risco de fazer parte da estatística do IBGE segundo a qual 98% dos negros, como seus pais, não têm curso superior. “Tive de largar meu emprego na prefeitura para estudar em tempo integral. Meu pai tem de pagar passagem, almoço, fotocópia dos livros. Já perdi aula porque não tinha o dinheiro da passagem”, diz Andreia, que estuda Biologia.

Esforço – As irmãs viram as noites estudando e acordam às 4h30 para tomar o trem para a universidade. “Tenho de provar para mim mesma que, apesar da defasagem, posso pegar o livro e conseguir”, diz Aline. Andreia enfrenta maiores dificuldades. Parte do material de estudo é em inglês. “Os professores deveriam entender que alguns alunos nunca tiveram dinheiro para cursos de inglês.”

Como Andréia e Aline, o geógrafo Jailson poderia se beneficiar das cotas se fosse tentar hoje entrar na universidade. É um típico mestiço brasileiro, que, na classificação do IBGE, consta como pardo. Em vez de cotas raciais, porém, ele prefere a reserva de vagas para alunos de escolas públicas. “Temo que a cota racial leve ao jeitinho, em que o aluno se declara negro ou pardo para facilitar o acesso”, argumenta. “Meu filho tem a minha cor, mas estudou sempre em escolas particulares. Por que ele teria direito à cota para negros ou pardos?” (Colaboração Clarissa Thomé)

■ Mais informações na página seguinte



Aline (E) e Andreia: cursinho voltado para negros e cotas

da população pobre aumentou em cursos como Pedagogia, Serviço Social e Geografia, mas que ainda existem faculdades muito elitizadas. “A presença de negros, por exemplo, nos cursos de Odontologia, Medicina, Engenharia ou Informática ainda é mínima.”